

# Síndrome de Tancredo, a fama ingrata

BRASÍLIA — Cinco anos depois da morte do mais ilustre paciente que por lá passou, o Hospital de Base de Brasília ainda padece da *síndrome de Tancredo*, a fama de ter sido o estágio inicial do calvário do presidente morto. Todo ano, à medida que se aproxima o aniversário da morte de Tancredo Neves, o diretor do hospital, Maurício Cariello, aumenta a dosagem diária de suco de maracujá e se prepara para ler, mais uma vez, na imprensa, referências à "negligência, imprudência e imperícia médica".

— O presidente Tancredo Neves chegou aqui com um quadro de septicemia. Tinha um tumor e, a par desse tumor, vários abcessos que derramaram pus na circulação sanguínea — afirma Cariello, exibindo em defesa da instituição depoimentos como o do médico Vicente Amato Neto, professor de Doenças Infecciosas e Parasitárias na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), que integrou a equipe que cuidou do presidente.

No depoimento, dado há quatro anos ao *Jornal da Tarde*, Amato afirma que "o início do processo infeccioso manifestou-se em Tancredo alguns meses antes do primeiro ato cirúrgico, realizado em Brasília" e que "as insisten-

tes especulações sobre infecção hospitalar, que teria sido adquirida em Brasília, enquadram-se perfeitamente na costumeira tática empregada por quem precisa de um bode expiatório".

— Naquele tempo, a situação do hospital era muito melhor do que hoje — afirma Cariello, que nos últimos 12 meses assistiu de perto a um processo em que todos têm visto o que chamam de agonia do Hospital de Base.

Mas a falência e o caos do Hospital de Base de Brasília não são exceção dentro do sistema de saúde pública da capital da República.

— O quadro é geral. Não há exceções — afirma o diretor do Hospital Regional de Taguatinga, o anestesiologista Cícero Alves.

No seu caso, o drama assume contornos de violência: Cícero já assistiu a vários casos de agressão a médicos e enfermeiras.

— Sabe o que é explicar a um paciente que ele realmente está doente, mas que o hospital não tem como tratar dele? — pergunta desanimado, em tom de desabafó.